

## Índice

Prefácio	11
O Mundo da Segurança	17
A Escola no Século Passado	41
<i>Eros Matutinus</i>	75
<i>Universitas Vitae</i>	97
Paris, a Cidade da Eterna Juventude	127
Desvios no Caminho para Mim Mesmo	157
Para além da Europa	173
Esplendor e Sombras sobre a Europa	185
As Primeiras Horas da Guerra de 1914	205
A Luta pela Fraternidade Espiritual	227
No Coração da Europa	243
Regresso à Áustria	267
De novo no Mundo	289
Crepúsculo	309
<i>Incipit Hitler</i>	339
A Agonia da Paz	369

## O Mundo da Segurança

«Criados no silêncio, no recato e na calma,  
Lançam-nos de súbito no mundo;  
Cem mil vagas nos banham,  
Tudo nos atrai, muito nos agrada,  
Muito nos desanima, e de hora a hora  
Oscila o sentimento com leve inquietação;  
Sentimos, e o que sentimos,  
O turbilhão multicolor do mundo arrasta-o para longe.»

GOETHE

Quando tento encontrar uma fórmula cómoda para designar a época na qual cresci, anterior à Primeira Guerra Mundial, julgo ter descoberto a mais expressiva quando digo: era a idade de ouro da segurança. Na nossa monarquia austríaca quase milenar, tudo parecia ter os seus alicerces na perenidade, e o próprio Estado era o garante supremo desta estabilidade. Os direitos que concedia aos cidadãos eram ratificados pelo Parlamento, o órgão representativo do povo livremente eleito, e todos os deveres eram delimitados com precisão. A nossa moeda, a coroa austríaca, circulava em peças de ouro cintilantes, garantindo assim a sua imutabilidade. Todos sabiam quanto possuíam ou a quanto tinham direito, o que era permitido e o que era proibido. Tudo tinha as suas regras, a sua medida e o seu peso definidos. Quem fosse senhor de uma fortuna podia cal-

cular com exatidão quanto lhe iria render anualmente em juros; por seu lado, o funcionário e o oficial podiam confiar no calendário para saberem o ano em que seriam promovidos e aquele em que se iriam aposentar. Cada família tinha o seu orçamento fixo, sabia quanto teria de gastar em habitação e alimentação, em viagens de verão e despesas de representação; além disso, tinha o cuidado inevitável de pôr de lado uma pequena quantia para os imprevistos, para a doença e para o médico. Quem possuía uma casa, considerava-a o lar seguro para filhos e netos, e quintas e lojas eram transmitidas de geração em geração; enquanto uma criança de peito ainda estava no berço, já lhe colocavam no mealheiro ou na caixa económica um primeiro óbolo para o seu percurso de vida, uma pequena «reserva» para o futuro. Neste vasto império, tudo ocupava o seu lugar de um modo firme e inalterável, e no lugar mais elevado encontrava-se o imperador encanecido; porém, se este morresse, sabia-se (ou pensava-se) que outro viria e que nada mudaria nesta ordem bem concebida. Ninguém acreditava em guerras, em revoluções e em rebeliões. Tudo o que era radical, tudo o que era violento, parecia impossível numa era em que imperava a razão.

Para milhões de indivíduos, esta sensação de segurança era o bem mais desejado, o ideal de vida comum. Só com ela se considerava a vida digna de ser vivida, e círculos cada vez mais vastos cobriam adquirir a sua parte deste bem precioso. De início, foram apenas os que tinham posses a usufruir dessa prerrogativa, mas, gradualmente, um grande número de pessoas começou a pressionar para ter acesso a ela; o século da segurança tornou-se a época áurea dos seguros. Fazia-se um seguro da casa contra incêndios e furtos, dos campos contra granizo e intempéries, do próprio corpo contra acidentes e doenças, descontava-se para a pensão de velhice e colocava-se uma apólice no berço das meninas para o futuro dote. Por fim, os próprios trabalhadores organizaram-se e conquistaram um salário normalizado e caixa de previdência, os criados pouparam para terem um seguro de velhice e faziam pagamentos antecipados a uma lutuosa para o seu próprio funeral. Só quem podia olhar para o futuro sem preocupações desfrutava do presente com um sentimento positivo.

Apesar de toda a solidez e simplicidade desta concepção da existência, a confiança comovente de poder erguer barricadas sem a menor brecha para proteger a vida contra qualquer investida do destino era marcada por uma grande e perigosa altivez. O século XIX, com o seu idealismo liberal, estava sinceramente convencido de que seguia no caminho certo e infalível para se tornar o «melhor dos mundos». Era com desprezo que se olhava para as épocas anteriores, com as suas guerras, fomes e revoltas, como um tempo em que a humanidade ainda era imatura e não suficientemente esclarecida. Mas agora era apenas uma questão de décadas até os últimos vestígios do mal e da violência serem por fim ultrapassados, e esta crença no «progresso» ininterrupto e imparável tinha para aquela época a força de uma verdadeira religião; acreditava-se mais nesse «progresso» do que na Bíblia, e o seu evangelho parecia irrefutavelmente comprovado pelos novos milagres quotidianos da ciência e da técnica. Em boa verdade, no final desse século pacífico, um progresso geral tornava-se cada vez mais visível, cada vez mais rápido, cada vez mais diversificado. Nas ruas, à noite, em lugar das chamas pálidas, brilhavam as luzes elétricas, as lojas transpunham o seu esplendor novo e sedutor das ruas principais para os subúrbios, graças ao telefone, as pessoas já podiam falar umas com as outras à distância, já voavam a novas velocidades em carruagens sem cavalos e já se elevavam nos ares, tornando realidade o sonho de Ícaro. O conforto transmitiu-se das casas nobres às burguesas, já não era preciso ir buscar água ao poço ou à fonte de parede do corredor nem atear a custo o lume no fogão, a higiene difundia-se, a sujidade desaparecia. As pessoas tornaram-se mais bonitas, mais fortes, mais saudáveis desde que o desporto lhes fortaleceu o corpo, cada vez se viam nas ruas menos indivíduos estropiados, com bócio ou mutilados, e todos estes milagres tinham sido obra da ciência, esse arcanjo do progresso. Também se registaram avanços no domínio social; de ano para ano foram atribuídos novos direitos às pessoas, a justiça era aplicada de forma mais branda e humana, e mesmo o problema mais grave, a pobreza das camadas populares, já não parecia intransponível. Círculos cada vez mais amplos viam ser-lhes concedido o direito de voto e, por conseguinte, a possibilidade de defenderem

legalmente os seus interesses; sociólogos e professores competiam para tornar mais saudável, e mesmo mais feliz, a vida do proletariado — seria, então, de surpreender que este século se regozijasse com os seus próprios êxitos e que cada fim de década fosse sentido apenas como o precursor de outra década ainda melhor? Acreditava-se tão pouco em retrocessos à barbárie, por exemplo em guerras entre os povos da Europa, como em bruxas e fantasmas; os nossos pais estavam imbuídos de uma confiança obstinada na infalibilidade do poder unificador da tolerância e da conciliação. Estavam sinceramente convencidos de que as fronteiras das divergências entre nações e denominações iriam esbater-se aos poucos, dando lugar a uma dimensão humana comum e que, desse modo, a paz e a segurança, esses bens supremos, seriam quinhão de toda a humanidade.

Hoje, é fácil para nós, que há muito riscámos a palavra «segurança» do nosso vocabulário por considerá-la uma quimera, sorrir da ilusão otimista dessa geração cega pelo idealismo de que o progresso técnico da humanidade deveria ter como consequência inevitável uma ascensão moral igualmente rápida. Nós, que, no novo século, aprendemos a deixar de nos surpreender com qualquer irrupção de bestialidade coletiva, nós, que esperávamos que cada novo dia fosse ainda mais nefasto do que o anterior, somos muito mais céticos quanto à possibilidade de uma educação moral do ser humano. Tivemos de dar razão a Freud que não via na nossa cultura, na nossa civilização, mais do que uma fina camada que podia ser perfurada a qualquer momento pelas forças destrutivas do mundo das profundezas, tivemos de nos habituar gradualmente a viver sem chão debaixo dos pés, sem justiça, sem liberdade, sem segurança. Há muito que rejeitámos, para a nossa própria existência, a religião dos nossos pais, a sua fé numa ascensão rápida e duradoura da humanidade; a nós, cruelmente instruídos, parece-nos banal aquele otimismo precipitado perante uma catástrofe que, de um só golpe, nos fez recuar mil anos de esforços humanos. Contudo, mesmo sendo apenas uma ilusão o que os nossos pais defenderam, era uma ilusão maravilhosa e nobre, mais humana e fecunda do que os lemas de hoje. E qualquer coisa em mim, de um modo misterioso, apesar de todo o conhecimento e de toda a desilusão, não pode libertar-se dela por

completo. O que um indivíduo, durante a infância, absorveu do ar do tempo e guardou no sangue permanece indelével. E, apesar de tudo, apesar do que cada dia me fere os ouvidos, do que eu próprio e inúmeros companheiros de destino sofremos em humilhação e provações, não consigo negar por completo a crença da minha juventude de que um dia as coisas retomarão o rumo ascendente, apesar de tudo. Mesmo do fundo do abismo do horror, no qual, hoje, tateamos meio às cegas, com a alma confrangida e destroçada, não cesso de olhar para aquelas antigas constelações que cintilavam sobre a minha infância e consolo-me com a confiança herdada de que, um dia, este retrocesso parecerá apenas um intervalo no ritmo eterno do progresso incessante.

Hoje, que a grande tempestade o destruiu há muito, sabemos em definitivo que aquele mundo da segurança era um palácio de sonho. E, no entanto, os meus pais viviam nele como numa casa de pedra. Nem uma única vez uma tempestade ou uma forte corrente de ar irrompeu pela sua existência quente e aconchegante; é certo que ainda tinham um para-vento especial: eram pessoas abastadas, que pouco a pouco foram enriquecendo e se tornaram mesmo muito ricas, o que, naquele tempo, constituía uma calafetagem eficaz para janelas e paredes. O seu estilo de vida parece-me tão característico da chamada «boa burguesia judaica» — que tantos valores essenciais ofereceu à cultura vienense, recebendo, como recompensa, o extermínio total — que, com o relato da sua existência pacata e discreta, estou, na realidade, a narrar algo de impessoal: tal como os meus pais, dez mil ou vinte mil famílias viveram em Viena naquele século de valores seguros.

A família do meu pai era da Morávia. As comunidades judaicas viviam em pequenas localidades rurais, na maior harmonia com o campesinato e a pequena burguesia; por esse motivo, não conheciam o desalento e, por outro lado, era-lhes alheia a impaciência habilidosa de sobressaírem, característica dos judeus orientais da Galícia. Fortes e robustos devido à vida campestre, percorriam o seu caminho com calma e segurança, como os agricultores da sua pátria percorriam os campos. Desde cedo emancipados da religião ortodoxa, eram seguidores apaixonados da religião do «progresso» vigente

na época e, na era política do liberalismo, colocavam no Parlamento os deputados mais respeitados. Quando deixavam a sua terra natal para se instalarem em Viena, adaptavam-se com uma velocidade espantosa às mais altas esferas da cultura, e a sua ascensão pessoal tinha uma ligação orgânica com a ascensão geral da época. Também nesta forma de transição, a nossa família era bastante característica. O meu avô paterno vendia artigos manufaturados. Depois, na segunda metade do século, a expansão industrial teve início na Áustria. Os teares e as máquinas de fiar mecânicos importados da Inglaterra determinaram, através da racionalização, uma enorme redução dos preços em comparação com a tecelagem manual tradicional; e os comerciantes judeus, com a sua capacidade de observação comercial e a sua visão internacional, foram os primeiros na Áustria a reconhecer a necessidade e a rentabilidade de uma transição para a produção industrial. Com um capital na maior parte dos casos reduzido, criaram aquelas fábricas improvisadas com celeridade, a princípio apenas movidas pela energia hídrica, que progressivamente se expandiram, convertendo-se na poderosa indústria têxtil da Boémia, que dominava toda a Áustria e os Balcãs. Assim, enquanto o meu avô, representante típico da era anterior, apenas servia de intermediário na comercialização de produtos acabados, o meu pai passava resolutamente para a nova era, fundando, aos trinta e três anos, uma pequena fábrica de tecelagem no norte da Boémia, que depois, ao longo dos anos, se expandiu lenta e cuidadosamente, transformando-se numa magnífica empresa.

Uma maneira tão cautelosa de se expandir, apesar de uma conjuntura favorável tentadora, coadunava-se na perfeição com o espírito da época. Além disso, harmonizava-se, de forma particular, com a natureza reservada e completamente desinteressada do meu pai. Ele tinha absorvido a profissão de fé da sua época: *safety first*; para ele era mais importante ter uma empresa «sólida» (outra palavra favorita da sua época), com capital próprio, do que expandi-la e dar-lhe grandes dimensões através de créditos bancários ou de hipotecas. O seu único orgulho era, ao longo da vida, nunca ninguém ter visto o seu nome numa nota promissória ou numa letra de câmbio e ter sempre constado da página de crédito do seu banco, o banco Roths-

child, como é evidente a instituição de crédito mais sólida. Abominava qualquer ganho que envolvesse a mais ligeira sombra de risco, e durante todos os seus anos de vida nunca participou num negócio alheio. Se, apesar disso, foi enriquecendo cada vez mais, tal não se deveu de modo nenhum a especulações arriscadas ou a operações particularmente sagazes, mas à adaptação ao método geral daquela época previdente: despender sempre e apenas uma parte modesta dos seus rendimentos e, deste modo, de ano para ano ir acrescentando um montante cada vez mais considerável ao capital. Como a maior parte dos da sua geração, o meu pai teria considerado um perdulário perigoso alguém que gastasse com despreocupação metade dos seus rendimentos sem «pensar no futuro» (outra expressão constante daquela época de segurança). Graças a essa acumulação contínua de lucros, o enriquecimento dos que já eram abastados significava apenas uma atuação passiva naquela época de prosperidade crescente, em que, além do mais, o Estado não pensava em reter mais do que uma pequena percentagem em impostos, mesmo dos rendimentos mais consideráveis, e, por outro lado, os títulos do Estado e da indústria rendiam juros elevados. E essa forma de proceder era compensadora; ainda não acontecia, como nos tempos da inflação, quem economizava ser roubado e quem era honesto ser defraudado; e eram precisamente os mais pacientes, os que não especulavam, a conseguir os maiores lucros. Graças a essa adaptação ao sistema geral da sua época, aos cinquenta anos o meu pai já podia ser considerado um homem muito rico, mesmo por padrões internacionais. Mas só de modo muito hesitante o estilo de vida da nossa família acompanhou o aumento cada vez mais rápido das nossas posses. Progressivamente, concedemo-nos pequenos confortos. Mudámo-nos de uma casa pequena para outra maior, reservámos um carro alugado para as tardes da primavera, viajámos em carruagens-cama de segunda classe, mas só aos cinquenta anos o meu pai se deu ao luxo de ir com a minha mãe passar um mês a Nice durante o inverno. No geral, a atitude básica de usufruir da riqueza por possuí-la e não por exibí-la permaneceu completamente inalterável; mesmo quando já era milionário, o meu pai nunca fumou charutos de importação, mas, como o imperador Francisco José com os seus

Virginia baratos, os simples Trabuco nacionais e, quando jogava às cartas, apostava sempre quantias reduzidas. Inflexível, manteve sempre a sua moderação, a sua vida agradável, mas discreta. Embora incomparavelmente mais influente e culto do que a maioria dos seus colegas — era exímio ao piano, escrevia com clareza e correção, falava francês e inglês —, recusava com obstinação qualquer honra ou cargo honorífico e, ao longo da sua vida, nunca ambicionou nem aceitou qualquer título ou honraria que era frequente oferecerem-lhe na sua posição de grande industrial. O orgulho secreto de nunca ter de pedir o que quer que fosse a alguém ou de ter de dizer «por favor» ou «obrigado», significava mais para ele do que qualquer manifestação exterior.

Na vida de qualquer pessoa, é inevitável o momento em que ela encontra o pai na imagem da sua própria essência. Essa tendência para a privacidade, para um estilo de vida anónimo, começa a desenvolver-se em mim agora, tornando-se mais forte de ano para ano, por muito que isso contradiga a minha profissão, que, em certa medida, torna forçosamente públicos o nome e a pessoa. Mas foi o mesmo orgulho secreto que desde sempre me levou a rejeitar qualquer forma de homenagem exterior, a não aceitar nenhuma condecoração, nenhum título, nenhuma presidência de qualquer associação, a nunca pertencer a uma academia, a uma direção, a um júri; mesmo sentar-me a uma mesa festiva é uma tortura para mim, e basta a ideia de ter de pedir alguma coisa a alguém, ainda que em nome de terceiros, para me secar os lábios, mesmo antes de proferir a primeira palavra. Sei como tais inibições estão ultrapassadas num mundo onde só se pode permanecer livre por meio da astúcia e da fuga, e onde, como já dizia com sabedoria o nosso antepassado Goethe, «condecorações e títulos evitam muitas cotoveladas no meio da multidão.» Mas é o meu pai em mim, com o seu secreto orgulho, que me obriga a retroceder, e não devo resistir-lhe; estou-lhe grato pelo que talvez sinta ser o meu único bem seguro: o sentimento de liberdade interior.

A minha mãe, com o nome de solteira Brettauer, era de uma origem diferente, internacional. Era natural de Ancona, no sul de Itália,